19:07 47%

_ SEG _ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Eliz Lyra (quinzenal) _ Inaiá Sartara (quinzenal) _ Washington Oliveira (quinzenal)
_ TER _ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ QUA _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Saviatta (quinzenal) _ QUI _ Merval Pereira _ Nati Gaspar
_ SEX _ Vera Magalhães _ Fábia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ SÁB _ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Paulo Cristóvão _ DOM _ Merval Pereira _ David Harazim _ Bernardo Mello Franco

DORRIT HARAZIM

blogs.oglobo.globo.com/aprimeira
editoria.artigos@oglobo.com.br

A galope

Passou a ser fácil compor o retrato-síntese dos quatro anos de governo do 38º presidente da República Federativa do Brasil. Para adeptos de uma historiografia-relâmpago, basta analisar dois vídeos. Está tudo lá, escancarado. Um é de 22 de abril de 2020, o segundo data de 5 de julho de 2022.

O primeiro mostra a fatídica reunião ministerial do início de governo, em que um ruinoso elenco de comandados compete para se mostrar o mais obsequioso possível. Abraham Weintraub, ministro da Educação, sugeriu que ministros do STF deveriam ser presos; Ricardo Salles, do Meio Ambiente, defendeu "passar a boiada"; Paulo Guedes propôs "vender logo essa porra", em referência ao Banco do Brasil; Damares Alves, titular da pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos, tampouco decepcionou o chefe. Mas foi ele, Jair Bolsonaro, que naquele dia fincou as estacas do seu mandato: precisava de um "sistema particular de informações" e de uma Polícia Federal para chamar de sua. Convém não esquecer.

O segundo vídeo, revelado nesta semana, retrata reunião da alta cúpula bolsonarista ainda mais fatídica. Faltavam então apenas três meses para Bolsonaro tentar a reeleição, e as pesquisas não lhe eram favoráveis. Estava impaciente, ansioso, com o palavreado chulo à solta. Entre os subordinados convocados pelo ex-capitão que décadas antes quase fora expulso do Exército, estavam generais, coronéis e o primeiro escalão de seu governo. Tinham em comum, segundo a investigação em curso na Polícia Federal, o planejamento de uma "dinâmica golpista". A galope.

Os ministros da Justiça, da Defesa, do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), da Secretaria-Geral, o ex-chefe da Casa Civil — todos entrementes investigados e submetidos a mandados de busca e apreensão — discorreram sobre formas de desautorizar a Justiça Eleitoral e impedir a derrota nas urnas. De que forma? Na versão caserna proposta pelo general Augusto Heleno, cavernosa figura à frente do GSI, "se tiver que virar a mesa, é antes das eleições". O temor maior — o que ocorreria com os golpistas da sala em caso de vitória do PT de Lula — foi abordado de forma enfática pelo então ministro da Justiça, Anderson Torres: "Senhores, todos vão se foder! Eu quero deixar bem claro isso. (...) Eu quero que cada um pense no que pode fazer previamente porque todos vão se foder". Pensaram, fizeram — antes, durante e depois das eleições, até o ato insurrecional do 8 de Janeiro, com o conjunto da obra agora sendo esmiuçado pela Polícia Federal que Bolsonaro ambicionara ter para si.

"Eu tenho três alternativas para o meu futuro — estar preso, ser morto ou a vitória", garantira ele a líderes evangélicos de Goiânia em agosto de 2021. Acrescentou que a primeira alternativa simplesmente não existia: "Nenhum homem aqui na terra vai me amedrontar". Aquela altura, os alvos ainda estavam invertidos. Era o ninho conspiratório do próprio presidente que cogitava prender o ministro do STF Alexandre de Moraes como complemento à ruptura institucional. Justamente o "Xandão", que hoje está à frente da pantagruélica investigação dos atos golpistas.

É imperativo para a nação não esquecer o que foi o governo Jair Messias Bolsonaro. Esquecer seria o caminho mais fácil, trágico e ruinoso

A operação desencadeada nesta semana foi fulminante — um dos militares alvo de busca e apreensão chegou a passar mal ao ver a Federal à sua porta. Bolsonaro cessou de rugir. Contactado em sua casa de veraneio na Costa Verde, repetiu o bordão final de outro ex-presidente militar do Brasil, João Baptista Figueiredo. "Me esqueçam, já tem outro governando o país", disse à colunista da Folha Mônica Bergamo.

O ex-presidente que envergonhou e lanhou o país não merece esse privilégio. À parte os desdobramentos e conclusões dos inquéritos em curso, é imperativo para a nação não esquecer o que foi o governo de Jair Messias Bolsonaro, sua cruel responsabilidade em nosso desamparo diante da pandemia de Covid-19, seu desdém criminoso por nossa diversidade, nosso meio ambiente, nosso futuro como sociedade possível. Esquecer seria o caminho mais fácil, trágico e ruinoso. Já foi feito uma vez com a ditadura militar e continua a ser tentado. Em caso de dúvida, recomenda-se pensar numa pergunta simples antes de ceder à comodidade do esquecimento: que tipo de sociedade seríamos se o suposto golpe dos Jaíres, Augustos Helenos, Bragas Nettos e comparsas tivesse dado certo? Pensar é preciso. Lembrar também. A isso não se dá o nome de revanche — é honrar a memória nacional.

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
X: bernardomf
bmf@oglobo.com.br

O bloco dos trapalhões

O comandante do 1º Batalhão de Operações Psicológicas do Exército abriu a porta, viu um agente da Polícia Federal e desmaiou. Parece piada, mas aconteceu na manhã de quinta-feira, em Goiânia.

O tenente-coronel Guilherme Marques de Almeida foi treinado para desestabilizar o inimigo, manipulando corações e mentes com técnicas de guerra híbrida. Ao se ver na mira da PF, ficou pálido, tremeu nas bases e perdeu os sentidos.

O oficial desfalecido foi um dos alvos da Operação Tempus Veritatis, destinada a investigar a tentativa de golpe. A ação foi estrelada por outros personagens inusitados, como um político flagrado com ouro de contrabando e um chefe de espionagem repreendido por falar demais.

Augusto Heleno comandou o Gabinete de Segurança Institucional. Dava ordens ao diretor da Abin e era responsável pelo aparato de inteligência do governo de Jair Bolsonaro.

Em reunião com mais de 30 participantes, o general contou que estava pronto para infiltrar arapongas nas campanhas dos candidatos da oposição. Num surto de lucidez, o capitão pediu que ele interrompesse o sincericídio. "A gente conversa em particular, na nossa sala, sobre esse assunto", suplicou.

Valdemar Costa Neto é o dono do PL. Em 2002, alugou a legenda ao petismo e apoiou a primeira eleição de Lula. Vinte anos depois, fez negócio com Bolsonaro. Vestiu a camisa amarela e se converteu ao extremismo de resultados.

Conspiração de Bolsonaro uniu coronel assustado, político que escondia ouro em casa e chefe de espionagem que falava demais

Escolado na matéria, o ex-deputado não se assustou com a chegada da PF, mas foi surpreendido ao saber que iria em cana de novo. Ao vasculhar sua casa, a PF encontrou uma arma com registro vencido e uma pepita de ouro desviada de garimpo.

Não há dúvida de que os bolsonaristas conspiravam contra a democracia. Desde a operação de quinta, o enigma é outro: entender por que o ex-presidente permitiu que uma reunião para tramar um golpe fosse gravada em vídeo.

Aliados dizem que seu escudeiro Mauro Cid tinha o hábito de filmar todas as atividades para alimentar as redes sociais. O tenente-coronel, que já havia sido flagrado contrabandeando joias e falsificando cartão de vacina, guardou a prova do crime no computador pessoal. Uma ajuda inestimável aos policiais e procuradores que atuam no caso.

Em tempo de carnaval, os golpistas que ainda não foram presos poderiam formar o Bloco dos Trapalhões. Seria engraçado se a turma não tivesse chegado tão perto de jogar o país num estado de exceção.

O exemplo do Chile

O funeral do ex-presidente Sebastián Piñera foi marcado por uma civilidade que anda em falta na política sul-americana. Sem maquiar as divergências, o presidente Gabriel Boric e a antecessora Michelle Bachelet fizeram discursos generosos sobre o antigo adversário.

Piñera era um político de direita, mas sempre teve compromisso com a democracia. Em 2019, reprovou insultos de Bolsonaro a Bachelet e ao pai dela, que foi torturado e morto pela ditadura de Pinochet.

ARTIGO

A tradição que a folia paulistana esconde

CLAUDIA ALEXANDRE

Na manhã nublada do dia 1º de fevereiro de 1991, finalmente foi inaugurado o Polo de Arte e Cultura da Cidade de São Paulo, que passou a ser chamado de Sambódromo. A fita inaugural foi cortada às pressas para que as obras, ainda não finalizadas, pudessem avançar ao máximo até o dia do desfile marcado para a semana seguinte, dia 9. Aquele ano mudou definitivamente os rumos do carnaval das escolas de samba paulistanas e colocou em descompasso o sonho dos sambistas com as mudanças que inseriram a cidade na rota das maiores folias do país.

Apesar da cerimônia de inauguração, as arquibancadas ainda não estavam finalizadas. Foi possível observar que o chão das laterais, ao longo da pista, era de terra batida — e acabou virando um corredor de lama na noite de estreia em decorrência das fortes chuvas. Demorou mais sete anos para que o local ganhasse todos os módulos de concreto.

A primeira passarela oficial foi a Avenida São João (1968). Não havia estrutura alguma, e o povo acompanhava das calçadas as disputas de blocos, cordões e ranchos. Escola de samba ainda era novidade. O Vale do Anhangabaú foi o segundo local de desfiles, até serem transferidos para a Avenida Tiradentes (1977), mais afastada do Marco Zero da cidade e mais perto do 1º Batalhão de Choque Tobias Aguiar, da Polícia Militar, desde então local usado para guardar as notas dos jurados.

Enquanto isso, os dirigentes se organizavam para pôr fim às humilhações que tornavam complicada a relação com o poder público. Eram rotineiras as idas e vindas à porta da Prefeitura em busca de recursos, mesmo depois da oficialização dos desfiles, em 1968.

Difícil entender como São Paulo se tornou a capital do maior carnaval de rua do Brasil, alheio à luta de quem faz a festa no Sambódromo

Lembro-me bem desses transtornos, pois fora as primeiras coberturas que fiz quando iniciei a carreira de repórter, graças ao renomado radialista Evaristo de Carvalho (1932-2014), comandante do Programa Rede Nacional do Samba, meu chefe na Rádio Gazeta. Minha primeira grande cobertura foi justamente a inauguração do Sambódromo.

Naquela época, a maioria das agremiações era liderada por famílias negras, parte delas empurrada para as periferias pela especulação imobiliária, que atingiu redutos como o Bixiga, da escola de samba Vai-Vai, e a Barra Funda, da escola de samba Mocidade Camisa Verde e Branco. O Camisa Verde é uma herança do Cordão Camisa Verde, que começa com Seu Dionísio Barbosa, do Grupo Carnavalesco Barra Funda (1914). O Vai-Vai vinha do Cordão Carnavalesco Vae-Vae (1930), do bairro negro ocupado por italianos. Hoje, é uma comunidade desalojada de sua sede para a construção de uma nova estação do metrô.

Em São Paulo, as memórias de luta pelas tradições negras são marcadas pela saudade de sambistas como Alberto Alves (Seu Nenê), da Nenê de Vila Matilde; Zezinho do Banjo, do Morro da Casa Verde; Carlos Alberto Tobias (Mestre Tuba), filho de Inocêncio Tobias, do Camisa Verde e Branco; Carlos Alberto Caetano (Seu Carlão), da Unidos do Peruche; Geraldo Filme e José Jambo Filho (Chiclé), do Vai-Vai; e Madrinha Eunice, a matriarca, quimbandeira e fundadora da escola de samba Lavapés, em 1937.

Imagine ser a única mulher negra a entrar nessa batalha e liderar uma escola de samba na década de 1930? Foi o que fez Madrinha Eunice (1909-1995), quando fundou a Lavapés. A escola, hoje como Lavapés Pirata Negro, segue as tradições, tendo como presidente de honra Rosemeire Marcondes, neta da fundadora. Para Eunice e toda uma legião de bambas que lutaram pelo reconhecimento das escolas de samba, seria mesmo difícil entender como São Paulo se tornou a capital do maior carnaval de rua do Brasil, alheio à luta de quem faz a festa no Sambódromo, onde é permitido "evoluir" e proibido sambar no pé.

Claudia Alexandre, jornalista, é comentarista de TV no carnaval de São Paulo e autora de "Orixás no terreiro sagrado do samba (Exu e Ogum no candomblé da Vai-Vai)"